

Conjuntura

PIB mostra recuperação, mas enchente terá impacto

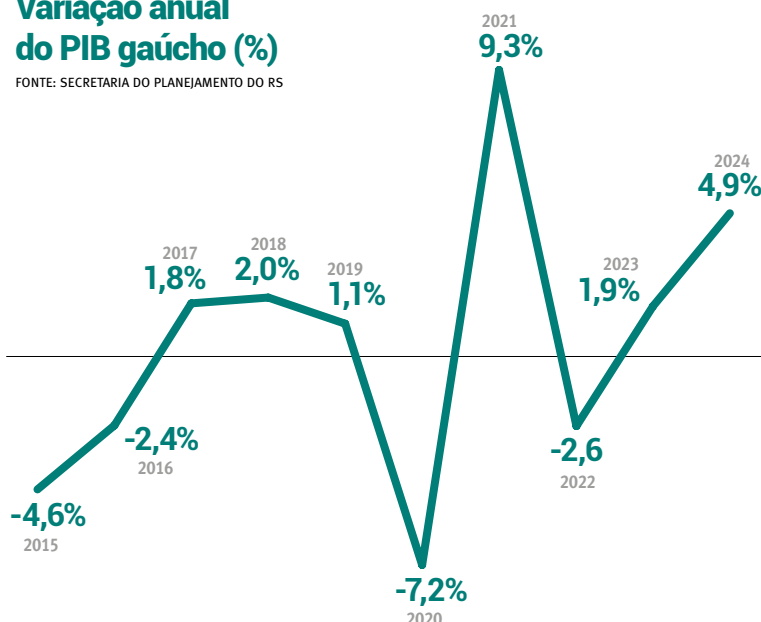
Departamento de Economia e Estatística observa que consequências como perdas e suspensão de operações terão efeito a médio e longo prazos

O ano de 2024 foi marcado pela maior catástrofe climática do RS. No mês de maio, enchentes afetaram 471 das 497 cidades gaúchas e, consequentemente, suas economias. Apesar disso, o Produto Interno Bruto (PIB) do RS apresentou um aumento de 4,9% em relação ao de 2023, somando R\$ 706,81 bilhões. O número mostra recuperação do Rio Grande do Sul, mas, de qualquer forma, causa surpresa, considerando as perdas bilionárias em solo gaúcho. Há uma explicação, de acordo com a equipe do Departamento de Economia e Estatística do Estado (DEE-RS): o PIB mede o fluxo de produção, e não capta de forma imediata impactos nas perdas de estoque de capital.

Para o diretor adjunto do DEE-RS, o estatístico Pedro Zuanazzi, o PIB não é capaz de medir o estoque perdido. “Um exemplo corriqueiro é de quem teve a casa destruída pela enchente e reconstruiu, seja por auxílio do governo, pegando créditos ou até mesmo se endividando. Isso para o PIB pode até ser positivo, porque aquele valor vai estar entrando no PIB, já que é uma construção nova, que está gerando um novo

Variação anual do PIB gaúcho (%)

FONTE: SECRETARIA DO PLANEJAMENTO DO RS



valor. Mas o estoque do que foi perdido não é reduzido do PIB. Então, às vezes, pode dar uma falsa sensação de que está tudo bem.”

Os valores positivos de 2024 se devem muito ao agronegócio. A perda de estoque, nesse caso, também deve gerar impactos a longo prazo. “Houve muita perda de fertilidade do solo, a água passava e levava embora aquela camada superficial e vários nutrientes. Isso vai diminuir o rendimento médio das produções ou o produtor vai ter que investir mais para repor a fertilidade. E esse é o típico efeito que a gente não vê no ano, mas que vai aparecer nos próximos períodos”, avalia o economista do DEE-RS Martinho Lazzari.

Tanto Zuanazzi quanto Lazzari

concordam que não é possível estipular por quanto tempo as consequências da enchente na economia poderão ser sentidas.

Afinal, haverá dois diferentes impactos que conflitam entre si: o positivo, proporcionado pela injeção de aportes e recursos voltados à retomada econômica e à resiliência; e o negativo, gerado pela perda de estoques de capital.

O impacto positivo da reconstrução pode ser, de certa forma, estimado pelo calendário do Fundo do Plano Rio Grande (Funrigs), mas há ainda outros projetos de reconstrução e resiliência que geram impactos indiretos na economia. Por sua vez, os impactos negativos são ainda mais difíceis de avaliar, segundo os pesquisadores.

Região Norte do RS segue em franco desenvolvimento

Ana Stobbe

Enquanto o Produto Interno Bruto (PIB) gaúcho é divulgado trimestralmente, os dados municipais são informados com defasagem de alguns anos. O mais recente recorte municipal do PIB é com os dados de 2021. Uma revisão da metodologia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) atrasou a divulgação dos números de 2022, que apenas será apresentada no final deste ano. Mesmo assim, é possível avaliar tendências regionais.

Pesquisadores do Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (DEE-RS), vinculado à Secretaria Estadual do Planejamento, consideram ser possível dividir o Rio Grande do Sul, de uma maneira geral, em duas grandes porções: a parte Centro-Sul e a porção Norte, que forma uma meia lua com Serra, Região Metropolitana e Litoral Norte. Enquanto a parte Norte do Estado apresenta crescimento potencial e indicadores socioeconômicos superiores, a do Sul ainda busca reverter as suas dificuldades.

“Vemos que são dois estados. O desempenho de educação das escolas municipais públicas na Metade Norte do Estado é muito maior que o desempenho das escolas municipais públicas na Metade Sul. Quando pegamos dados de renda, vemos dois estados, diferenças sociais muito grandes”, afirma o diretor adjunto

do DEE-RS, Pedro Zuanazzi.

É justamente a Região Norte uma das que mais apontam crescimento. Isso porque nos últimos 20 anos vem conquistando maior protagonismo no PIB gaúcho. E a divisão do RS em porções menores — como a que divide o Estado em cinco grandes regiões, proposta pelo Mapa Econômico do RS, realizado pelo Jornal do Comércio — permite identificar essas características regionais específicas, radiografando com maior precisão a economia gaúcha.

De 2020 a 2021, por exemplo, o Conselho Regional de Desenvolvimento (Corede) Produção, que engloba 21 cidades da região, cresceu seu PIB em R\$ 6 bilhões, chegando a ocupar uma fatia de 5,4% do PIB do interior gaúcho (excluindo-se, portanto, o Metropolitano do Delta do Jacuí, que engloba Porto Alegre e entorno).

E a tendência é de que, com o crescimento populacional e a ampla oferta de postos de trabalho, os Coredes da Região Norte sigam crescendo. “Tem a produção de soja, a indústria de máquinas agrícolas, tem Passo Fundo, que é uma economia de serviços para atender as pessoas de lá e agora tem a questão dos biocombustíveis, inclusive aqueles que usam cereais de inverno que sofrem relativamente menos com o clima, sofrendo menos variações que a soja. É uma região que tem recebido esses investimentos também”, comenta o economista do DEE Martinho Lazzari.

Quem move a economia tem a nossa parceria.

O banco que está sempre à frente também está ao seu lado, apoiando os serviços que geram empregos e desenvolvimento sustentável.

BRDE.com.br

BRDE  **CRÉDITO PARA INOVAR E DESENVOLVER.**